



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS CURSO DE
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA

NATANAEL FERREIRA DE LIMA

**A DEVASTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA:
ecos maternos em Peter Pan, de J. M. Barrie**

JOÃO PESSOA – PB
2019

NATANAEL FERREIRA DE LIMA

**A DEVASTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA:
ecos maternos em Peter Pan, de J. M. Barrie**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do título de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA – PB

2019

NATANAEL FERREIRA DE LIMA

**A DEVASTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA:
ecos maternos em Peter Pan, de J. M. Barrie**

Data da Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Orientador)

Prof. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito
(Examinadora)

Prof^a. Ms. Elisângela Marcos Sedlmaier
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo
(Suplente)

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação

Seção de Catalogação e Classificação

L732d Lima, Natanael Ferreira de.

A devastação da experiência humana: ecos maternos em Peter Pan, de J.M. Barrie / Natanael Ferreira de Lima.

- João Pessoa, 2019.
41f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. psicanálise. 2. o Outro. 3. Peter Pan. 4. mãe. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

Dedico esse trabalho à minha querida filha, Natália. A você, toda gratidão por tornar meu mundo mais colorido.

“No meio de tudo, você me salva da selva”.
(Engenheiros do Hawaí: No meio de tudo você)

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, auxiliaram-me na conclusão desse trabalho.

A todos vocês que me encorajaram e não me deixaram jogar a toalha. Mas, me levantaram, me reanimaram e me incentivaram a encarar mais um *round*. A vocês o meu muito obrigado.

Um agradecimento especial para a minha querida esposa, Hosana Gouveia, que, sem o seu auxílio, de forma providencial, a conclusão desse trabalho não teria sido possível.

De forma diferenciada, quero agradecer a minha mãe (soa até estranho mencionar essa palavra, uma vez que, não tenho/não tive contato com ela desde os dois anos de idade), pois, apesar de tudo, ela me despejou neste mundo. E, assim como Peter Pan, também na minha relação primitiva não houve uma colagem e separação necessária. Sendo assim, esse trabalho nada mais é do que uma análise de mim mesmo. Eu e a Terra do Nunca. Eu e meu objeto de amor primitivo perdido. Eu e Peter Pan.

“Olha, Adrien, eu consegui!!!”

(Rocky II – A revanche)

O mundo não é um mar de rosas; é um lugar sujo, um lugar cruel, que não quer saber o quanto você é durão. Vai botar você de joelhos e você vai ficar de joelhos para sempre se você deixar. Você, eu, ninguém vai bater tão forte quanto a vida, mas não se trata de bater forte. Se trata de quanto você aguenta apanhar e seguir em frente, o quanto você é capaz de aguentar e continuar tentando. É assim que se consegue vencer.

(Rocky Balboa)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar, pela perspectiva da teoria psicanalítica, o personagem de J.M.Barrie, Peter Pan, e seus conflitos relacionados à falência da relação primitiva com seu objeto de amor perdido, a sua mãe. Para a Psicanálise o Outro é significativo na construção do sujeito. Ao nascer, o bebê é indefeso e carente. Esse Outro, que pode ser a mãe biológica ou outro sujeito que detenha tal função, é responsável por decifrar o mundo e torná-lo mais suportável para esse bebê. Utilizando autores como Freud (1915/1916), Kiley (1983) e Bernardino (2006) identificamos, a partir do conceito de um Outro na relação primitiva do sujeito, elaborados pela psicanálise, que o personagem Peter Pan vive em busca desse sujeito ao qual ele ainda está colado. O presente trabalho é estruturado em três capítulos, a saber: Literatura Infantil; Nossa relação com o mundo mediada por um Outro (mãe) e Análise da Obra.

Palavras-chave: *psicanálise, o Outro, Peter Pan, mãe.*

ABSTRACT

This work aims to analyze, from the perspective of psychoanalytic theory, the character of J.M.Barrie, Peter Pan, and his conflicts related to the bankruptcy of the primitive relation with his object of lost love, his mother. For Psychoanalysis the Other is significant in the construction of the subject. At birth, the baby is helpless and needy. This Other, who may be the biological mother or other subject holding such a function, is responsible for deciphering the world and making it more bearable for that baby. Using authors such as Freud (1915/1916), Killey (1983), and Bernardino (2006), we identify, from the concept of an Other in the primitive relation of the subject, elaborated by psychoanalysis, that the character Peter Pan lives in search of this subject to which it is still glued. The present work is structured in three chapters, namely: Children's Literature; Our relationship with the world mediated by an Other (mother) and Analysis of the Work.

Key words: *psychoanalysis, the Other, Peter Pan, mother.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. LITERATURA INFANTIL	14
<i>1.1 Literatura Infantil Brasileira.....</i>	<i>16</i>
2. NOSSA RELAÇÃO COM O MUNDO MEDIADA POR UM OUTRO.....	17
<i>2.1 Antecipando o nascimento.....</i>	<i>17</i>
<i>2.2 O nascimento do bebê.....</i>	<i>18</i>
3. ANÁLISE DA OBRA	23
<i>3.1. O desamparo de Peter</i>	<i>24</i>
<i>3.2. A terra do nunca como um lugar de refúgio</i>	<i>27</i>
<i>3.3. A função materna de Wendy</i>	<i>32</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos percebe-se que a obra Peter Pan vem ganhando um espaço significativo na sociedade. Há as edições de bolso, as ilustradas, as comentadas, as áudio descritas, as adaptadas para o cinema. São pais que leem para os filhos. Professores que leem para seus alunos. É uma obra de fantasia, de aventura, de final emocionante. Tantas são as torcidas para que os personagens fiquem juntos ou para que o Peter Pan se interesse em fazer parte da família de Wendy. Contudo, a obra Peter Pan desvela muito mais significados do que aparentemente suponha. Muito mais do que a história de um menino que antipatiza com a ideia de ser adulto, Peter Pan é uma obra que retrata a história de um menino que não se conforma com o abandono da mãe. Um menino que procura reviver a sua relação primeira, que transfere para as figuras femininas, com quem convive, o sentimento de amor e ódio pela figura que primeiro o acolheu, recebeu, confortou e lhe ofertou segurança e sustentação em um mundo cheio de conflitos. Para além de um significado literal e óbvio, a obra de J.M. Barrie pode provocar, como literatura infantil, reflexões e possibilidades a partir da perspectiva psicanalítica.

O estudo realizado neste trabalho evidencia as conclusões da teoria psicanalítica, ao afirmar que a nossa relação com o mundo é mediada pela presença de um Outro¹, a quem nos reportamos, neste trabalho, por mãe. De uma figura que nos sustentará, primeiramente, neste mundo. Que nos protegerá e cuidará de nossa fragilidade e dependência física e psíquica. Para tanto trabalhamos com os conceitos propostos por Freud (1915-1916), Kiley (1983) e Bernardino (2006). Concomitantemente, é objetivo desse trabalho identificar as consequências de uma não ruptura ou, até mesmo, de uma ruptura inesperada em relação ao primeiro objeto de amor do sujeito, através de um olhar sobre o personagem Peter Pan.

¹ Termo proposto por Lacan. “Lacan propõe grafá-lo com maiúscula, denominando-o Outro primordial, conceito que não se refere necessariamente à mãe biológica, mas à pessoa que cumpre esta função para o bebê.” Bernardino (2006, P. 26).

Para maior conforto e dinamicidade do leitor, este trabalho estrutura-se a partir de três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Literatura Infantil*, discute-se sobre o surgimento e características da literatura infantil, apresentando o seu desenvolvimento ao redor do mundo, sua importância ao dialogar com o público a que se destina e seus principais autores. O capítulo é fundamentado em Zilberman (1985), Volnovich (1947), Cunha (1991), Meireles (1951) e Cagneti (1996).

O segundo capítulo *Nossa Relação com o Mundo mediada por um Outro*, discute o quão indispensável é a presença desse Outro para a sobrevivência e consequentemente o desenvolvimento físico e psíquico do bebê. Nossa fundamentação teórica para esse capítulo encontra-se em Bernardino (2006) e Corso; Corso (2006).

Finalmente, no capítulo *Análise da obra*, analisaremos o surgimento do jovem Peter, sua inconformidade com a ideia de se tornar adulto e toda a sua trajetória que culminou em uma morada fixa na mágica e misteriosa Terra do Nunca. Iremos analisar os conflitos e angústias vividas por ele, bem como suas incríveis aventuras e principalmente (ainda que no nível do inconsciente) a busca por uma mãe. Para tanto, será utilizado como base teórica Bernardino (2006), Freud (1915-16) e Kiley (1983).

1. LITERATURA INFANTIL

Antes de tudo, não podemos discorrer sobre a literatura infantil sem antes compreendermos como se apresentava o contexto histórico de sua criação, bem como vivia o leitor para o qual tal literatura fora endereçada: a criança.

A criança nem sempre foi vista como tal. Até o século XVIII, a criança era vista e tratada como um pequeno adulto. Vestia-se como um adulto, participava das atividades com os adultos, porém, não possuía qualquer valor social, não tinha nenhum tipo de prestígio, era considerada economicamente improdutiva, em outras palavras, a criança não existia.

A imagem de uma criança entre os séculos XV e XVIII, era a de um adulto, algo semelhante a um anão – corpo de criança, roupas de adulto e gestos de adulto (...). A criança como criança não tinha nenhum valor produtivo e, portanto, a sua imagem era absolutamente insignificante. (VOLNOVICH, 1947, p.20)

Ora, uma vez que a criança carregava esse estigma, logo, não havia nenhum interesse, nenhuma preocupação em orientá-la, de modo que, toda a atenção era tão somente centralizada nos adultos. Sendo assim, as crianças compartilhavam as mesmas leituras que os adultos, as mesmas histórias, não havia qualquer separação ou direcionamento para distinguir o que era de adulto e o que era de criança. Dessa forma, podemos afirmar que, nessa época, era extremamente comum não escrever para crianças. Entrementes, durante a Idade Moderna (estimulada pela nova concepção de família) a criança foi, paulatina e gradativamente adquirindo novos predicados.

(...) a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e a necessidade de uma formação específica, só acontece em meio à idade moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1985, p.13)

Diante do contexto exposto acima, a criança, aos poucos, começava a ser vista com outros olhos: se antes era vista como um pequeno adulto, agora já iria passar a

ser vista como um ser inocente, ingênuo e indefeso e que precisava de carinho, amparo e proteção de um adulto, dada a sua extrema falta de experiência com o mundo. E não apenas isso, mas sobretudo, foi-se percebendo a necessidade urgente em instruir essa nova criança separada do adulto, inclusive com uma literatura própria, voltada para ela, visto que a criança tem outra visão de mundo, outras percepções, bem diferentes das percepções de um adulto.

(...) recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha, tonta de nascimento. (MEIRELES, 1951, p. 50),

Conforme vimos, a infância não era pensada da maneira que conhecemos hoje. Volnovich (1947, p. 19) declara que “somente neste século é que as crianças adquirem no imaginário social o status de “esperança da humanidade”” (p. 19). E muito embora já houvesse uma literatura desde a antiguidade, (literaturas orais, como as rodas de cavalaria) ainda assim, essa não era voltada para a criança. Porém com essa nova reformulação da família e sendo definitivamente diferenciada e distanciada do adulto, a criança passa a ter uma literatura própria, uma literatura que nasce (assim como a criança) em meio a essa revolução social que é o surgimento, de fato, da criança.

A história da literatura infantil tem, relativamente, poucos capítulos. Começa a delinear-se no fim do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 2006, P.22)

A literatura infantil é o resultado de várias narrações populares tais como: lendas, mitos, folclores e até mesmo costumes, essa diversidade de narrativa se baseava em histórias maravilhosas, fantásticas com o objetivo de tentar explicar as intempéries da vida, bem como deixar algum ensinamento a ser seguido. Surge, dessa forma, a literatura infantil. Uma literatura com a missão de abarcar esse novo segmento da

sociedade, possuindo características próprias uma vez que, geralmente, essa literatura deixa para a criança ensinamentos de cunho espiritual, ético, moral e ecológico.

1.1 Literatura Infantil Brasileira

A literatura infantil chegou ao Brasil no final do século XIX, Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel, foram responsáveis por traduzir as inúmeras obras estrangeiras que chegavam ao Brasil. Figueiredo Pimentel, também se notabilizou pela obra “Os Contos da Carochinha” (uma coletânea das mais variadas obras de Perrault, Andersen e Os Irmãos Grimm). Porém no ano de 1921, o escritor Monteiro Lobato apresenta a sua obra “Narizinho Arrebitado”, dando início a uma nova fase da literatura brasileira, nascendo assim, a literatura infantil brasileira, sendo considerado, portanto, como o precursor da literatura infantil brasileira. Assim nasceu a literatura infantil, uma literatura forjada em meio ao novo status adquirido pela criança, uma literatura que permite a criança imaginar e criar, uma literatura que dialoga com esse novo ser e que permite simplesmente sonhar. Conforme CAGNETI (1996, P.27),

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real; os ideais sua possível/impossível realização.

2. NOSSA RELAÇÃO COM O MUNDO MEDIADA POR UM OUTRO

Quando uma mulher descobre que está grávida, ela experimenta uma série de sentimentos, sentimentos esses que vão desde a alegria extrema até o desespero. Nesse instante, nesse singular instante, tudo muda: rotina, compromissos, humor, enfim, a vida nunca mais será a mesma. Tais mudanças surgirão gradativamente à medida que o feto se desenvolve dentro do ventre materno, sobretudo as mudanças físicas, uma vez que seu corpo passará por algumas transformações consideráveis a fim de comportar e se adequar ao pequeno ser que a partir de então está se aconchegando no ninho. Falamos tanto em mudanças, mas iremos nos ater a um tipo de mudança tão importante quanto a física, que são as mudanças psíquicas, sofridas por essas mulheres nessa fase tão marcante e que é de total importância para a saúde do bebê.

2.1. Antecipando o Nascimento

Desde o momento em que uma gravidez é descoberta, a mulher passa a viver como se já estivesse com o filho ou a filha nos braços. Ela passa a viver em função dessa criança antes mesmo dela ter nascido. Não apenas isso, ela fantasia sua chegada, faz planos, redobra o cuidado com a saúde, passa a se alimentar melhor, se preocupa com a qualidade do sono, tudo para que possa ter uma gestação saudável e tranquila. Em outras palavras, essa futura mãe antecipa o nascimento dessa criança. Assim sendo, quando é chegada a hora do bebê vir ao mundo, ele já vem simbolicamente mergulhado nesse novo mundo idealizado e projetado por esse Outro.

O mundo que o bebê encontra ao nascer é um mundo de linguagem: já falam dele antes mesmo do seu nascimento. Dão-lhe um nome e inscrevem-no em um registro civil: antes mesmo de conseguir reagir a esse nome, ele já existe e é contado como cidadão. Falam com ele quando está ainda no ventre materno, saúdam-no com palavras quando ele é dado à luz. Muito precocemente, passa a reconhecer seu nome e,

mais ainda, percebe que o reconhecem nele. Faz esta operação abstrata que consiste em sacar que tem existência justamente ali onde não está (...) (BERNARDINO, 2006, P. 25),

Nesse ambiente o bebê é concebido e vem ao mundo. Ele chega para preencher todas as expectativas e tornar o que antes era apenas um desejo, em algo definitivamente palpável. Esse pequeno ser chega para ocupar o espaço e o sentido que lhe dão, ainda que ele não faça ideia do que seja isso ou, melhor dizendo, ele não faz ideia de coisa alguma.

2.2. O Nascimento do bebê

O bebê quando nasce é um pequeno ser extremamente frágil e dependente em todos os sentidos. Sem um intermediário para conduzir sua relação com o mundo, esse bebê fatalmente morreria, daí a necessidade vital de um Outro (não necessariamente uma mãe biológica) para mediar essa relação. Assim sendo, ao ser despejado no mundo o bebê passa a ser o mais novo membro da família e consoante Bernardino (p. 26) “passa a ter lugar na família que o acolhe”. Assim que o bebê tem seu primeiro contato com o mundo, nesse primeiro momento ele estará ligado à mãe, é ela quem irá nomear tudo para ele, ela quem irá dizer se ele está com fome, se está sentindo dor, uma vez que o bebê não sabe o que é dor, diferentemente dos animais, o bebê não nasce com instintos.

(...) trata-se de um ser completamente indefeso, sem nenhuma condição de se cuidar sozinho e que, a diferença do que ocorre com os animais, é carente de instintos (...). O bebê possui reflexos que só funcionam quando encontram alguém para dar sentido - direção, significado, sensibilidade - a eles. (BERNARDINO, 2006, p. 31)

Em outras palavras, é esse Outro que irá decifrar o mundo para o bebê. Dessa maneira, é vital para esse pequeno ser o auxílio desse Outro primordial, que fará, inclusive, que o bebê suporte a dor do nascimento.

Logo que o bebê deixa o útero, ele já experimenta seu primeiro grande trauma. Isso porque ao sair do ventre, onde ele estava quentinho, seguro e alimentado, o recém-nascido sente como se essa expulsão do ventre materno o estivesse matando. O ar entrando pela primeira vez em seus pequenos pulmões, o faz chorar e em fazendo isso, o bebê de fato, está chorando de dor. Tudo é uma grande e terrível novidade. Antes ele não precisava encher os pulmões de ar para respirar, o ar entrando, machuca, dói bastante e ele precisava fazer esses movimentos com os pulmões para enchê-los e esvaziá-los para respirar, enfim, o frágil bebê não entende o que está acontecendo. Daí a necessidade desse Outro para amparar essa criança nesse momento tão terrível. É esse Outro que irá suavizar essa experiência desagradável (pulsão de morte) em uma experiência que o bebê possa suportar e assim, converter essa pulsão de morte em pulsão de vida. Esse amparo providencial em socorro do recém-nascido é, justamente, o toque, o aconchego, as palavras e o carinho. Além de amenizar esse momento de desconforto inicial, irá marcar a criança subjetivamente, o afeto não apenas no nascimento, convertendo as pulsões, mas durante o relacionamento criarão inscrições psíquicas, que são experiências agradáveis registradas no subconsciente do bebê.

Portanto, não basta somente colocar uma criança no mundo e esperar que a biologia faça o resto, não adianta apenas dar um nome e tantas outras coisas materiais, pois como mostramos, essa criança precisa ter sido desejada.

Não se trata somente de ter um quarto, um berço, ou um nome, mas de ocupar uma posição subjetiva, de fazer uma diferença com sua chegada, de modificar as posições familiares desde então (...). Cada bebê que chega vem dar segmento a uma família que tem uma história de várias gerações, (...), portanto é ao ocupar esse lugar que ele encontrará com a estrutura, a cultura que comporá sua humanidade. (BERNARDINO, 2006, P. 27)

Percebe-se então a importância desse Outro na vida do bebê, um Outro que será uma ponte com o mundo, um Outro que estará ligado a ele de forma a atender prontamente todas e quaisquer necessidades, sejam elas físicas ou emocionais, uma vez que o simples som de sua voz traz total conforto e segurança para esse minúsculo ser. A importância subjetiva juntamente com os efeitos positivos da voz do Outro são de extrema importância para o desenvolvimento emocional do bebê.

Palavras que abrem caminhos, que fazem trilhas, que enlaçam este organismo à ordem do simbólico. As funções parentais, que referem esse bebê a uma história, a uma cultura, a um desejo, permitem não somente que o simbólico se inscreva num neurológico herdado geneticamente, mas que estas inscrições têm o poder de modificar estruturas e funcionamento de células neurais e de suas conexões (...). Esta extensa descrição neurológica serve para que não percamos de vista o que significa para um recém-nascido ser tomado nesse laço parental. (SANSON, 2006, p. 61-62)

Vemos então o quão evidente é a presença desse Outro na vida do bebê, chegando a ser de fato, uma necessidade vital, à medida que (como já foi dito), sem essa mediação o bebê não sobreviveria. Como pudemos analisar, a mãe, de fato, precisa estar ligada ao bebê, ele precisa estar colada mesmo, pois o bebê é uma extensão dela, o bebê é um fragmento, portanto é deveras importante que essa mãe seja boa o suficiente para permitir que o bebê fique colado à ela (amparando, convertendo as pulsões, alimentando, protegendo, enfim, decifrando o mundo para o bebê), o que será determinante para o desenvolvimento do novo membro da família. No entanto, há algo extremamente importante para que o desenvolvimento do bebê aconteça de forma ainda mais saudável: o tempo da colagem mãe-bebê não pode ser demasiado, ou seja, a mãe precisa estabelecer os limites dessa colagem, a medida que, se ela permanece demais colada ao bebê, se ela permanece mais tempo que o necessário, essa colagem será prejudicial, pois irá afetar o desenvolvimento do bebê, em outras palavras, tal bebê não irá para o mundo de forma autônoma, ele ficará sempre dependente do desejo do Outro.

(...) são filhos engaiolados (...) só vivem para e através de um vínculo umbilical com sua mãe. Jamais desenvolverão linguagem, porque só ela os entenderá e só isso importa, se caminharem o farão sem rumo, pois só existe a presença magnética da mãe, todo o resto não é compreensível. (CORSO; CORSO, 2006, p.61),

Conforme vemos acima, essa mãe, esse Outro, não terá uma tarefa nada fácil, uma vez que, terá que estar ligado ao bebê, suprimindo todas as suas necessidades vinte e quatro horas por dia, mas também terá que romper essa colagem, para o bem de ambos, a fim de que a mãe não se torne extremamente possessiva e desenvolva uma obsessão pelo bebê, assim como o bebê que, quando estiver maior e chegar o momento,

possa se virar um pouco sem a presença desse Outro, haja vista que, esse Outro não existirá para sempre e quando esse dia chegar - e ele, inevitavelmente, chega - se a mãe não tiver feito essa separação, se mãe e filho não tiveram esse primeiro momento (colagem e separação) de forma adequada, o bebê, a criança ou até mesmo o adulto ainda se sentirão colados a essa mãe, ainda se sentirão um fragmento, um pedaço dessa mãe a qual ainda estão colados.

Uma vez que a mãe não permitir a separação e continuar agindo como se seu filho fosse uma extensão dela, tal comportamento, ainda que cheio de boas intenções, irá culminar em um enorme e constante sentimento de dependência por parte do seu filho e tal sentimento irá acompanhá-lo em todas as etapas de sua vida, estendendo-se, inclusive, durante a vida adulta.

Os efeitos trágicos de uma não separação são latentes. De repente já se passaram trinta, quarenta anos que a mãe deu à luz àquela criança indefesa e agora aquele bebezinho tão frágil, tão vulnerável já possui barba, não trabalha e ainda mora com os pais. Não consegue dar um rumo à sua vida, pois aprendeu a viver sempre aos cuidados da mãe. Acostumou-se a estar sempre abastecido e protegido de qualquer infortúnio debaixo das provedoras e confortáveis asas maternas. Inconscientemente, esse adulto que ostenta entre trinta e quarenta, ainda vive como se fosse um fragmento da mãe, em outras palavras, esse agora adulto, ainda está colado à ela. Conforme Corso; Corso (2006. P. 61), “(...) Talvez usem fraldas e se babem como bebês, ofertando se no altar dos cuidados maternos, embora em muitos casos estejamos falando de homens barbudos e com pelos pubianos”.

Muitos adultos, inconscientemente, vivem como se ainda fossem um fragmento da mãe, apenas uma extensão dela. Tais pessoas não dão um único passo por conta própria. Não se arriscam, não vão à luta, enfim, tais pessoas não crescem (amadurecem). Antes, todo e qualquer movimento terá que ter sido direcionado pela mãe. Ela sempre estará adiante do caminho, tirando todo e qualquer obstáculo que porventura venha importunar e dificultar os passos do “seu bebê”. Homens e mulheres colados à mãe, sempre esperando pelo desejo desse Outro, homens e mulheres que definitivamente não entraram no mundo de forma autônoma. E a mãe, que não fez a separação necessária, continuará antecipando o desejo do filho. Percebe-se então a o quanto importante se faz esse primeiro momento mãe-bebê, pois é essa relação que irá

determinar que tipo de pessoa o bebê irá se tornar, tão somente a depender da colagem e da separação, que como já expusemos, são suas fases vitais, benéficas e necessárias.

A partir dessa perspectiva, percebe-se que os cuidados direcionados ao recém nascido são vitais para que ele possa sobreviver, cabendo a esse Outro (não necessariamente uma mãe biológica) essa árdua e complexa missão, pois como foi visto, não bastante simplesmente dar à luz, é preciso desejar àquele que vem ao mundo. Mais do que isso, uma devoção constante para satisfazer todos os desejos, faltas e angústias do bebê. Esse Outro que terá que fazer um esforço hercúleo para se permitir estar colada ao bebê e, conseqüentemente, ele colado a ela. E um esforço ainda maior para se permitir estar separada dele, para que, com o tempo, quando as fraldas ficarem para trás, aquele que já não é mais um bebê, possa se enxergar além da mãe, possa enxergar o mundo pelo seu próprio prisma. Para que ele se veja na totalidade e não apenas como extensão de algo. E essa mãe que se permitiu romper a colagem, possa também desfrutar de sua própria vida e ter, no mínimo, a consciência tranquila de que aquele pequeno ser que ela carregava no ventre irá saber se cuidar quando os dias maus vierem.

3. ANÁLISE DA OBRA

Publicado no ano de 1911, *Peter Pan*, do escritor escocês J. M. Barrie, conta a história de Peter Pan e os meninos perdidos, juntamente com Wendy e seus irmãos (João e Miguel) e suas aventuras na Terra do Nunca. A história se passa na Inglaterra, onde mora a família Darling. Todas as noites Peter Pan visitava à casa de Wendy, ficando de ouvidos atentos rente à janela a fim de escutar as histórias que a senhora Darling contava para seus filhos antes de dormir. Ele fazia isso para contar as mesmas histórias para os garotos perdidos que ficavam na Terra do Nunca aguardando sua volta. Numa dessas noites, a cachorra Naná (que também era a babá de Wendy e seus irmãos) fechou a janela antes que a sombra de Peter Pan saísse do quarto, separando-os um do outro, sendo assim, o jovem Peter entra no quarto a fim de resgatar sua sombra, e é exatamente nessa empreitada que ele tem o primeiro contato com Wendy e seus irmãos e é convencido por ela a levá-los à Terra do Nunca, na promessa de contar tais Histórias para as crianças perdidas. Seduzido por essa oferta, Peter decide então levar todos eles para viverem as maiores aventuras na Terra do Nunca. Iniciando-se, assim a obra.

James Matthew Barrie, nascido no dia 09 de maio, de 1860, em Kirriemuir, Escócia, foi o nono de dez filhos. Formou-se em literatura pela Universidade de Edimburgo, em 1822, porém, foi trabalhando como jornalista para o Nottinghamshire journal, onde começou ganhando a vida como freelancer. Em 1885, muda-se para Londres no intuito de firmar-se como escritor, nesse período, concentra-se em seus próprios escritos e publica uma coletânea de contos. Em 1886, James escrevia seu primeiro romance, *Better Dead*. Em 1894, casou-se com a atriz Mary Ansell, fixando de vez residência em Londres. Em 1902, publica o romance *The Little White Bird*, onde Peter Pan aparece pela primeira vez. Dois anos depois, estreia a peça *Peter Pan, or the boy who wouldn't Grow Up*, tendo Peter como protagonista. O sucesso foi tão grande que a peça se transformou em atração anual de Natal, sendo encenada durante sessenta anos. Em 1909, divorcia-se da esposa e dois anos mais tarde (1911), publica *Peter e Wendy*, que mais tarde seria renomeado para *Peter Pan*, a versão definitiva. E no dia 19 de junho de 1937, morre aos 77 anos de idade em Londres, devido a uma pneumonia. Deixando os direitos de Peter Pan para o Great Ormond Street Hospital Children's Charity.

3.1. O Desamparo de Peter

Quando nasce um bebê, este vem completamente desprovido de qualquer instinto (entender instinto como pulsão) que o faça sobreviver no mundo. O bebê que chega, vem totalmente vulnerável e dependente de alguém que o acolha, que o aconchegue e que supra suas necessidades, embora nem mesmo ele saiba o significado da palavra necessidade, ou de qualquer outra. Bernardino (2006, p. 31), detalha ainda mais essa relação.

(...) O bebê ao nascer: trata-se de um ser completamente indefeso, sem nenhuma condição de se cuidar sozinho e que, à diferença de outros animais, é carente de instintos e não nasce dotado dos imprintings imaginários necessários a sobrevivência. O bebê possui reflexos que só funcionam quando encontram alguém para dar sentido - direção, significado, sensibilidade - a eles. Portanto, pode-se perceber aí a dimensão do lugar que ele vai dar a este que vai “humanizá-lo”: um Outro primordial, que com suas palavras, seu olhar e seus toques, marca-o com seu desejo, sua imagem. Só assim é que um “desenvolvimento” poderá se dar. (BERNARDINO, 2006, p. 31)

Assim como todo bebê, obviamente, Peter também passou por esse processo de nascimento. Deixou a segurança e o conforto do ventre materno para entrar em um mundo totalmente novo e desconhecido. Na verdade, o nascimento é um trauma para o bebê, uma vez que, este estava protegido dentro da barriga da mãe e agora passa a existir fora desse “abrigo” onde todas as suas necessidades eram supridas. Tal experiência é extremamente dolorosa porque o bebê irá sentir o mundo como sendo um impulso destrutivo (pulsão de morte), daí a importância da mãe em resignificar àquilo que o bebê não pode, considerando que o bebê não vem preparado para compreender essa expulsão do ventre que é o nascimento e, tal amparo e acolhimento da mãe irá converter os impulsos danosos em impulsos com que o bebê possa lidar com eles, a mãe irá decifrar o mundo para esse frágil ser, pacificando as pulsões, nomeando suas necessidades, amparando-o e conversando com ele, dizendo de um mundo para ele (ainda que o bebê não entenda as palavras, a voz da mãe é acalento para ele).

Como bem frisou Bernardino (2006, p. 31) “só assim é que um desenvolvimento poderá se dar”. Ou seja, esses impulsos que são construídos durante a relação mãe-bebê e que são determinantes para toda a vida, essenciais para que o bebê seja um adulto saudável. No entanto, no que diz respeito a Peter Pan esse primeiro momento (mãe-bebê) não foi estabelecido e aquele “desenvolvimento” citado por Bernardino, não se deu em Peter. Logo no primeiro parágrafo do livro de Peter Pan, lemos a seguinte afirmação: “Todas as crianças crescem, menos uma”.(BARRIE, 1911, p 31). O tal crescimento mencionado no texto não trata-se apenas de um crescimento físico, mas também de um crescimento mental. Esse fato é revelado no diálogo entre Wendy e a Sra. Darling, quando esta a interroga a respeito de Peter:

-Mas quem é ele meu amor?
-Você sabe mãe, é o Peter...
-Além do mais - ela disse para Wendy - ele já deve ter ficado grande.
-Ah não, ele não é grande. Garantiu Wendy com toda segurança.
-É exatamente do meu tamanho.
Ela quis dizer que Peter era do seu tamanho tanto em termos de mente quanto em termos de corpo. (BARRIE, 1911, p. 38)

Esse trecho evidencia que, de fato, Peter não cresceu. Nem físico nem mentalmente e tal desenvolvimento só seria possível se os impulsos que são construídos durante a relação mãe-bebê tivesse ocorrido com Peter, ele ainda procura esse primeiro momento, ele procura uma mãe que possa dizer de um mundo para ele. A escritora e roteirista Flávia Lins e Silva, na apresentação da obra Peter Pan, pela editora Zahar, 2006, faz uma declaração deveras interessante a cerca da história de Peter Pan, ela diz:...”Fica claro que o livro de Peter Pan narra as desventuras de um menino órfão em busca de uma mãe”. No início da história, pouco tempo depois de Peter ter entrado no quarto de Wendy e seus irmãos, no intuito de recuperar sua sombra que havia se desprendido dele, Peter revela a Wendy sua origem, logo após ela perguntar a sua idade.

-Não sei - respondeu Peter, sem jeito. Mas eu sou bem novinho.
(...)
-Wendy, eu fugi de casa no dia em que nasci. (...)
-Foi porque eu escutei meu pai e minha mãe falando sobre o que eu ia ser quando virasse adulto - explicou Peter baixinho.
(...)

-Não quero nunca ser adulto! - disse, com raiva. - Quero sempre ser criança e me divertir. Por isso, fugi para o Kensington Gardens e vivi muito tempo com as fadas. (BARRIE, 1911, p. 60)

O trecho acima descreve o drama de Peter Pan. Com suas próprias palavras ele descreve o motivo pelo qual vive dessa maneira tão peculiar, rejeitando o crescimento a todo custo e vivendo apenas num faz de conta, vivendo em um mundo projetado por ele. Entretanto, como ele mesmo disse, viveu “muito tempo com as fadas” e como todo filho conhece bem o coração perdoador de uma mãe, ele voltou para casa, ou seja, mesmo não gostando do que ouviu sobre a conversa dos pais, a ponto de simplesmente fugir, mesmo assim Peter voltou para casa. Saudade, arrependimento ou culpa, não importa quais sentimentos o fizeram regressar. Mas o retorno ao lar não foi exatamente da maneira como ele esperava e, essa experiência frustrou de uma vez por todas o menino Peter, sendo determinante para essa falência de relacionamento. Vejamos o momento em que essa cena ocorre: Wendy contava uma bela história sobre os seus pais, o sr. e sra. Darling, aos meninos perdidos que escutavam com muita atenção. Em dado momento da história, Wendy falava que não importa o tempo que os filhos fiquem longe de casa, as mães sempre “deixariam a janela aberta” para elas, em outras palavras, a mãe sempre estaria à espera deles de braços abertos. Peter até então apenas ouvia tudo e, quando Wendy concluiu a história, ele soltou um gemido de dor, revelando sua frustração, mágoa e desamparo:

-O que foi, Peter? - Exclamou Wendy. (...)

-Onde dói, Peter?

-Não é esse tipo de dor - respondeu Peter soturno.

-Que tipo de dor é?

-Wendy, você está errada em relação às mães. Todos foram para perto dele, assustados, de tão alarmante que era sua agitação. E, com maravilhosa sinceridade, Peter revelou algo que até então havia escondido de todos.

-Há muito tempo - disse ele-, eu, assim como você, achava que a minha mãe ia deixar a janela aberta para mim. Por isso, fiquei longe de casa luas e mais luas, e depois voei de volta. Mas havia barras na janela, pois a mamãe havia se esquecido de mim. E tinha outro menininho dormindo na minha cama. (BARRIE, 1911, p. 149)

Como se pode perceber, na fala de Peter há uma dor de abandono e desamparo. O gemido soltado por ele não era uma dor física, mas uma dor emocional. Trata-se da dor reprimida de uma criança em relação à sua mãe, que mesmo em face da janela fechada ele ainda a chama carinhosamente de mamãe, em outras palavras, o destemido Peter sente falta de uma mãe. Podemos considerar também esse fechamento da janela como sendo simbólico, uma vez que a psicanálise trata da subjetividade, ou seja, essa mãe ter fechado essa janela pelo fato dela não ter condições de amparar esse filho, pode-se dizer de uma mãe ausente e, ao fechar essa janela seja uma metáfora desse abandono, uma metáfora dessa situação de desamparo. Simbolicamente, o fato de Peter Pan ter ido embora e após voltar, e encontrar a janela fechada, diz de uma falência dessa relação mãe-bebê. Existem muitas crianças que estão na Terra do Nunca, que suas mães fecharam as janelas para elas, ou seja, de certo modo essa relação faliu. Daí para poder suportar a dor desse desamparo, Peter cria um lugar onde ele e as crianças perdidas se refugiam, ele cria um espaço para fantasiar e suportar a realidade.

3.2. A Terra do Nunca como um lugar de refúgio.

Todo ser humano possui um lugar especial onde seus sentimentos estão protegidos. Um abrigo que serve para amenizar suas feridas, aplacar um pouco suas dores e frustrações. Um lugar onde podemos tudo, mandamos em todos e alheio a quaisquer convenções sociais. Nada de regras, aliás, a única regra é nos obedecer. Fantasiamos nessa dimensão irreal e ela nos faz esquecer um pouco a dura realidade. Todos os partilham desse momento singular, específico e individual, em outras palavras, é preciso fantasiar.

(...) Não há povo e nem homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CÂNDIDO, 1995, p. 173)

E é exatamente nesse ponto, que aparece a Terra do Nunca. Como já falamos sobre esse lugar imaginado para suportarmos a realidade, a Terra do Nunca é

uma dimensão, um espaço onde Peter Pan se refugia para sobreviver o seu desamparo. É um lugar criado por ele, uma vez que, nesse lugar ele é o centro das atenções, uma criança onipotente que manda em todos, tudo pode e sem a menor possibilidade de castração, considerando que o seu maior algoz (Capitão Gancho) já é castrado e consequentemente impotente para impor limites a Peter. A Terra do Nunca é um lugar bem polarizado. Todas as coisas estão em seu devido lugar, em perfeita harmonia. O mal está de um lado e o bem de outro. Peter não consegue relativizar as coisas, não percebe que as coisas podem ser integralizadas. Para ele não existe o bem e o mal, Gancho, por exemplo, na visão de Peter, não pode ser bom e mau, ele é apenas mau. Um outro exemplo dessa visão superficial de Peter, é que ele não consegue enxergar que Wendy poderia ser uma mãe, uma amiga e uma esposa. Mas na visão dele, ela só pode ser a mãe. Os papéis estão todos cristalizados e ele não admite outras possibilidades. Nem mesmo aos meninos perdidos era permitido, nem por um instante, se parecer com Peter, todos deveriam se vestir de maneira diferente dele, como revela Barrie (1911, p. 84) “Peter proíbe os meninos perdidos de se parecerem com ele, ainda que seja só um pouquinho.” A Terra do Nunca gira em torno de Peter, todas as coisas estão lá em seus lugares e, tudo precisa estar fixo para que ele possa manobrar as coisas. Conforme descreve Barrie (1911):

(...) Nessa noite, as forças principais da ilha estavam organizadas da seguinte maneira: os meninos perdidos estavam procurando por Peter, os Piratas estavam procurando pelos meninos perdidos, os Peles vermelhas estavam procurando pelos Piratas, e as feras estavam procurando pelos Peles vermelhas. Eles estavam andando em círculos na ilha, mas não se esbarravam, pois caminhavam todos na mesma velocidade. (BARRIE, 1911, p. 83)

Chega a ser difícil compreender como tantas pessoas e feras em movimentos, sequer por um instante, se esbarravam. Essa cena demonstra o quão simples e cristalizada era a visão de Peter, e somente dessa maneira ele poderia controlar manipular todos na ilha, dada a disposição geográfica e a constância das coisas, ele sabia exatamente e com precisão onde cada ser vivo se encontrava naquela ilha. Retomando o que foi dito anteriormente acerca da Terra do Nunca, ela é uma projeção de Peter, um lugar imaginado, fantasiado e criado por ele. Entretanto, é um lugar imaginado também por outras crianças, ou seja, toda criança - à sua maneira -

fantasia a Terra do Nunca, esse espaço onde é permitido criar. Segundo Barrie (1911, p. 76), quando Wendy e seus irmãos estão chegando na Terra do Nunca pela primeira vez, eles a reconhecem e ela é exatamente da maneira que eles imaginaram. “(...) Wendy, João e Miguel ficaram na ponta dos pés no ar para poderem ver a ilha pela primeira vez, é estranho, mas eles todos a reconheceram no mesmo segundo”. Em outras palavras, todas as crianças fantasiam uma Terra do Nunca. E esse lugar imaginário não precisa ser literalmente a Terra do Nunca, esse lugar pode ser qualquer espaço ou dimensão onde a criança crie, onde a criança fuja do mundo real. Em um determinado ponto da aventura de Peter, passado muitos e muitos anos desde a aventura Wendy e seus irmãos na Terra do Nunca, Wendy, inclusive, chegara a crescer e Peter Pan, como prometido, foi buscá-la para a ‘faxina de primavera’, porém ele tem uma surpresa ao chegar lá, conforme relata Barrie (1911, p. 217):

(...)

- você tinha prometido que não ia crescer!

- Não consegui evitar. Sou uma mulher casada, Peter.

- Não é, não.

- Sou, e a menina que está dormindo na cama é minha filha.

Havia passado muito tempo desde que Peter Pan tinha visto Wendy pela última vez, ela agora era uma mulher casada e com uma filhinha. Como todos os adultos, Wendy havia deixado a Terra do Nunca para trás. Era hora de outra criança viver as aventuras nesse lugar mágico. Agora era chegado o momento de Jane (a filha de Wendy) fantasiar. (...) “É claro que, no fim das contas, Wendy deixou que eles fossem embora juntos, voando” (BARRIE, 1911, p. 218). Essa passagem não apenas reforça o que foi dito anteriormente, acerca da fantasia da criança, como comprova que toda criança faz essa viagem para a Terra do Nunca. Toda criança brinca em um mundo imaginário, um mundo onde ela cria suas próprias brincadeiras e regras, enfim, toda criança precisa passar por essa fase, por esse momento fantástico. Porém, como foi dito acima, toda criança precisa passar por essa fase, ou seja, a estadia nessa ilha precisa ser temporária, a Terra do Nunca, essa dimensão imaginária precisa fazer parte sim da infância, mas chega um momento em que é preciso voltar ao mundo real, preciso voltar para casa. Como mostra Wendy: “O que a perturbava, às vezes, era que João só lembrava vagamente dos pais, como pessoas que havia conhecido um dia, enquanto

Miguel sempre se confundia e achava que Wendy era sua mãe de verdade” (BARRIE, 1911, p.112).

Como a passagem do tempo na Terra do Nunca era muito relativa, uma vez que, o tempo era marcado pelo sol e a lua (e considerando que lá havia mais de um sol e mais de uma lua), não se sabia ao certo quanto tempo Wendy e seus irmãos estavam naquele lugar, de modo que seus irmãos já estavam se esquecendo dos próprios pais. O que mostra a ambivalência daquela ilha, que se faz necessário sua ida até ela, mas que se você permanece lá, você simplesmente esquece do mundo real e passa a viver apenas na fantasia. Em outras palavras, não se pode brincar o tempo todo, não se é criança a vida toda, chega uma hora que é preciso voltar. Se a ida à Terra do Nunca é importante para a construção do imaginário infantil a fim de que possamos ser adultos saudáveis, o retorno da Terra do Nunca é tão importante quanto a sua ida. Não podemos viver na fantasia todo tempo, chega o momento em que o mundo nos chama. Outros dois clássicos da literatura infantil, enfatizam exatamente a importância do retorno dessa dimensão fantasiosa. Lewis Carrol, na sua obra *Alice no País das Maravilhas* (1865) e L.Frank Baum, na obra *O Mágico de Oz* (1900), narram as aventuras de Alice e Doroty, respectivamente, em um mundo fantasioso, um lugar que, assim como a Terra do Nunca, eram projeções delas para lidarem com seus conflitos, um espaço onde elas pudessem criar. No entanto, diferentemente de Peter Pan, tanto Alice quanto Doroty, elas retornam ao mundo real, elas percebem a necessidade de retomarem suas vidas, em outras palavras, elas (assim como Wendy) percebem que o mundo do faz de conta, é de fato, um lugar para visitar e não fazer morada. Entretanto, o jovem Peter não volta. Ele se recusa a todo custo sair da Terra do Nunca. Ele se recusa a deixar a fantasia para ir viver na realidade. E esse processo é o que o psicólogo Dan Killey (1983) vai chamar de “síndrome de Peter Pan”, onde ele afirma que tal recusa em retornar ao mundo real é um retrocesso ao crescimento. De fato, Peter Pan é um menino que não quer crescer. Porém não é apenas isso. Como falamos anteriormente, Peter é uma criança que não cresce porque a ele não foi dada a possibilidades de crescer. Nós só crescemos, primeiro: se tivemos uma mãe que nos deu condições de estar ligado à ela e, depois, se tivemos uma mãe que teve também condições de fazer a separação no momento certo, ou seja, tivemos uma mãe que nos permitiu estar colado e, tivemos uma mãe que fez a separação de forma adequada. E Peter Pan ainda se encontra nesse primeiro momento (relação mãe- bebê) e ainda está a procura dessa mãe que possa dizer de um mundo para ele,

para que ele tenha condições de crescer. Esse é o grande trauma do menino Peter, ele ainda é um pedaço da mãe, ele ainda busca essa primeira colagem e consequentemente a separação para que possa se tornar um sujeito. E cada pessoa reage de uma forma a esse desamparo, a esse abandono. Cada pessoa cria um mecanismo de defesa e Peter Pan, para se proteger, cria a Terra do Nunca.

Nesse sentido a Terra do Nunca se torna um lugar ambivalente, uma vez que, essa ilha é um lugar extremamente saudável e benéfico, enquanto espaço de fantasia, mas por outro lado, é um lugar mortífero porque impede o sujeito de confrontar a realidade, daí a necessidade de retornar. E Wendy percebe essa necessidade de retorno. Se eles continuam lá, eles morrerão. A questão da morte nesse caso, não é uma morte real, trata-se de uma morte subjetiva, ou seja, o indivíduo vive em um mundo à parte, ele é incapaz de amadurecer, de se integrar em um mundo de forma mais ampla: de trabalhar, de ser um sujeito socialmente produtivo. Essa é a morte subjetiva. E se Wendy e seus irmãos permanecessem lá, eles também morreriam. Como Peter Pan, que em certa medida, morreu. Ele não existe no mundo real. Só existe na fantasia. Ainda sobre a importância da volta ao mundo real, Lins (2006) declara:

Então fica combinado: Terra do Nunca, cada um tem a sua. E cada um a imagina como bem quiser. E, lendo o livro, descobrimos que “nós” (adultos) também já estivemos lá; ainda podemos ouvir o barulho das ondas, mas nunca mais vamos desembarcar. (LINS, 2006, p. 11).

É bem verdade que uma vez ou outra, sentimos vontade de fazer uma visita a Terra do Nunca, pois como disse (CÂNDIDO, 1995) é preciso efabular. E efabulando nos tornamos pessoas menos secas e desérticas. Todavia, que essa visita à Terra do Nunca seja bem breve, pois o mundo real nos chama de volta. E não podemos ignorar esse chamado, do contrário, também morreremos.

3.3. A Função Materna de Wendy

No início do século XX, Sigmund Freud, em seu livro *Conferências Introdutórias sobre psicanálise*, afirma que a vida sexual das crianças não se iniciara

apenas na puberdade, quando seus órgãos genitais já estivessem desenvolvidos, muito pelo contrário, Freud dizia que esse desejo se dava ainda na primeira infância.

Primeiro e acima de tudo, é um erro injustificável negar que as crianças têm uma vida sexual e supor que a sexualidade somente inicia na puberdade, com a maturação dos genitais. Pelo contrário, bem desde o início as crianças têm uma intensa vida sexual, que difere em muitos pontos daquilo que mais tarde é considerado normal. (FREUD, 1915-1916, p. 136)

O desejo, a curiosidade e a vida sexual se iniciam ainda na primeira infância, todavia no que diz respeito a Peter Pan, esse perfil não pode ser atribuído a ele, uma vez que, o líder da Terra do Nunca é um sujeito completamente desprovido desse tipo de desejo. Peter Pan não possui essa curiosidade sexual, na verdade ele sequer sabe o que um beijo. Consoante Barrie (1911),

(...) e ela sentou ao lado dele na pontinha da cama. Também disse que lhe daria um beijo se ele quisesse, mas Peter sabia o que isso queria dizer e estendeu a mão, ansioso.

-Não é possível que você não saiba o que é um beijo! - disse Wendy, escandalizada.

-Vou saber quando você me der um! - respondeu Peter, irritado.

Sem querer magoá-lo, Wendy lhe deu um dedal.

-E agora, que tal eu lhe dar um beijo? - perguntou Peter.

Wendy respondeu um pouco envergonhada.

-Por favor.

Ela foi até meio oferecida, aproximando a bochecha de Peter. Mas ele apenas arrancou um dos botões da roupa, feito de bolota de Carvalho, e colocou na mão dela. (BARRIE, 1911, p. 59-60)

Esse trecho deixa evidente o quanto Peter Pan é uma criança desprovida de qualquer erotismo e ao longo da obra esse traço atípico vai se tornando cada vez mais evidente, a medida que não apenas Wendy (como exemplificado nessa passagem) mas outras meninas também se interessam por ele, e assim como Wendy, são igualmente frustradas.

Conforme já mencionamos, Peter Pan vive em busca de uma mãe para aquele primeiro momento (colagem e separação), então partindo dessa premissa, ele enxerga em todas as mulheres, uma mãe, ou seja, ele não possui uma visão erotizada do sexo feminino porque a única visão que persiste nele é a materna. E como falamos

anteriormente, Peter Pan possui uma visão muito limitada, extremamente cristalizada, ele não permite outras possibilidades. Ele não percebe, por exemplo, que Wendy poderia ser, além de uma mãe, ela também poderia ser uma esposa, uma amiga. Mas na visão dele ela pode ser apenas uma mãe. O desejo de Peter Pan se restringia, se limitava a apenas uma coisa: de que Wendy e qualquer outra mulher fossem suas mães, e portanto, agissem como tal.

Peter desejava que as meninas agissem como se fossem mães dele. Ele se preocupava e a aceitação e a aprovação maternas. Suas primeiras necessidades de dependência datadas da primeira infância, inibiram o desenvolvimento de relacionamento maduros. Peter Pan tinha uma só coisa em mente: se as meninas não correspondessem, não queria nada com elas. (KILEY, 1983, p. 109-110)

Tal afirmação de Kiley é evidenciada na resposta inocente de Peter quando Wendy o pergunta (de forma bastante direta) o que ele sente por ela:

-Peter- disse Wendy tentando falar com firmeza -, o que exatamente você sente por mim?
-Eu sou como se fosse seu filho, Wendy.
-Foi o que eu pensei - disse ela.
(...) - Você é tão esquisita - disse Peter, sem entender nada. - E a Princesa Tigrinha é igual. Ela quer ser alguma coisa minha, mas diz que não quer ser minha mãe.
(...) - Quem sabe a Sininho quer ser minha mãe?
- Seu imbecil! - exclamou Sininho, furibunda. (BARRIE, 1911, p. 142-143)

Não apenas Wendy queria ser algo mais para Peter, mas Sininho e a Princesa Tigrinha também, ou seja, três meninas interessadas em Peter Pan e ele sequer percebia a forma como elas o olhavam, ele era totalmente incapaz de conceber o que elas o viam em um outro patamar, ele porém, não sentia absolutamente nada por nenhuma delas, sequer cogitou nem por um segundo essa possibilidade, o único desejo que ele sentia por elas, era que fossem suas mães.

É notório que Peter Pan não possui uma relação afetiva sexual com nenhuma dessas três garotas e sequer passa por sua cabeça o motivo pelo qual elas ficam tão bravas com ele.

No início da obra, quando Peter leva Wendy para a Terra do Nunca, a única coisa que ele tem em mente é que Wendy assuma a condição de mãe, esse é o único interesse que ele tem em levá-la. Não há em Peter Pan uma pretensão de namorar Wendy, de fazer com que ela seja sua garota ou qualquer outra coisa relacionada a uma afeição mais amorosa, mais erotizada, ele a leva simples e unicamente para ser mãe. Como podemos ver no seguinte trecho:

(...) Wendy- disse o safado -, você ia poder ajeitar nossas cobertas à noite.
-Ai!
-Ninguém nunca ajeitou nossas cobertas.
-Ai! - disse Wendy estendendo os braços para ele.
-E você ia poder costurar nossas roupas e fazer bolsos nelas. Nós não temos bolsos. (BARRIE, 1911, p 65-66)

Vemos nessa passagem que Peter Pan não tem planos de passear de mãos dadas com Wendy pelos bosques da Terra do Nunca, nada de contemplar juntos o pôr do sol ou ficar no lago das sereias à luz da lua cheia. Não, nada disso passa pela cabeça de Peter, uma vez que ele é totalmente desprovido desse tipo de desejo. Uma mãe para costurar, lavar, passar, cozinhar e contar histórias. Esse é o tipo (e único) de relacionamento que Peter deseja de Wendy, um relacionamento perfeito, na visão dele.

Peter Pan é uma criança crescida, uma vez que, ele ainda está lá nos primórdios em busca daquele primeiro momento com sua mãe. Ele não consegue enveredar por caminhos mais complexos. Como já dissemos anteriormente, ele não consegue perceber que Wendy poderia ser tudo isso que ele esperava no que diz respeito à maternidade, mas ela poderia ser, além dessa mãe desejada, uma esposa. Sobre esse relacionamento, Dan Kiley (1983), aborda da seguinte maneira:

A relação de Wendy com Peter Pan é distante e convenientemente controlada. Ela age de acordo com o que Peter deseja, e não hesita em alterar o curso de seus pensamentos e ações a fim de satisfazer às exigências dele conquanto estas sejam pueris. (DAN KILEY, 1983, p. 110),

De fato é uma relação deveras controlada por Peter Pan, tudo devia seguir rigorosamente à sua maneira. Wendy seguia todo o roteiro imposto por ele, ela se esforçava para que todos os seus desejos de filho fossem supridos. Porém, certa vez,

Wendy tentou fazer com que Peter deixasse a condição de filho para assumir a condição de pai. Tal brincadeira confundiu a mente superficial de Peter Pan. Assim, Wendy tentava encontrar uma brecha nessa enorme muralha, no entanto, o que ela conseguiu foi apenas mais uma frustração. Peter Pan é especialista (mesmo que inconscientemente) em deixar essa impressão.

-Querido Peter - disse ela. - Depois de ter tantos filhos é claro que eu não sou mais a mocinha que já fui, mas você não gostaria que eu mudasse, gostaria?

- Não, Wendy.

É claro que Peter não queria mudar nada, mas ele olhou para ela, sentindo-se pouco à vontade; piscando os olhos daquele jeito de quem não sabe se está acordado ou dormindo.

- O que foi, Peter?

- Eu só estava pensando - disse ele, com um pouco de medo. - É só faz de conta, não é, que eu sou o pai deles?

- É, sim - disse Wendy, um pouco chateada.

-Sabe o que é? - continuou Peter, num tom de quem pede desculpas. - É que se eu fosse o pai deles de verdade, isso ia me fazer parecer tão velho.

-Mas eles são nossos, Peter. Meus e seus.

- Mas não de verdade, não é, Wendy? - Perguntou ele ansioso.

-Não se você não quiser - respondeu Wendy. E ela ouviu direitinho o suspiro dele de alívio. (BARRIE, 1911, p. 142)

Ao afirmar para Peter Pan que tudo não passa de brincadeira, ele logo se tranquilizou. A brincadeira que parecia estar fugindo de controle, agora estava novamente sob o total controle dele.

O suspiro de alívio de Peter revela que ele só suporta ser pai na brincadeira, na fantasia, no faz de conta. Peter Pan é uma criança sem limites, uma criança que manda em todos, a todos impõem e todos têm que obedecer. Por ser essa criança sem limites, no mundo real ele não consegue estabelecer limites, estabelecer fronteiras, logo, só consegue ser esse pai na brincadeira. Além disso, Peter Pan não quer ser o pai, ele quer ser o filho. Ele quer ser aquela criança que é cuidada, aquela criança que ouve histórias antes de dormir. Ele não quer amar e cuidar. Ele quer ser amado e cuidado. E Wendy, mesmo frustrada, continuará cumprindo as demandas de mãe, ela cada vez mais fará com que Peter seja um filho querido, mesmo com um desapontamento evidente. Peter Pan era uma criança tão carente e fragilizada (embora não demonstrasse) que ele não conseguia distinguir o que era real e o que era fantasia, imaginação. Ele de fato, chegou a acreditar que todas aquelas crianças eram suas, por isso ficou tão perturbado.

Em outra ocasião da narrativa, o autor relata que Peter realmente chegava a acreditar nos faz de contas que ele criara esse detalhe os diferenciava dos outros meninos daquela ilha, denotando assim, o alto grau de carência do jovem menino dos dentes de leite.

A diferença de Peter para os outros meninos é que eles sabiam que aquilo era faz de conta, enquanto para Peter faz de conta e realidade eram exatamente a mesma coisa. Isso, às vezes, perturbava os meninos, como eles tinham que fazer de conta que já tinham jantado. (BARRIE, 1911, p. 102) E mais adiante o autor reforça seu comentário: “O faz de conta era tão real para Peter que durante uma refeição de mentirinha ele até engordava” (p. 111). Peter Pan não distinguia sonho de realidade. Daí a necessidade urgente em saber de Wendy se aqueles meninos eram seus filhos de verdade ou apenas faz de conta. Ele precisava que sempre lhe dissessem se algo era real ou imaginário e a pobre Wendy, que sabia exatamente que aquela brincadeira era faz de conta, desejou muito que Peter fosse, de fato, o pai de todas aquelas crianças e conseqüentemente, ela, a mãe.

Wendy representava tão bem o papel de mãe, que até se queixava como uma verdadeira mãe, ou seja, a infinidade das tarefas diárias e o cuidado com as crianças tomara todo o seu tempo.

A hora que Wendy mais gostava de costurar e cerzir era quando todos eles já tinham ido para a cama. Aí ela tinha um momento de paz, como gostava de dizer; e passava-o fazendo roupas novas para os meninos, ou colocando um forro a mais nos joelhos, pois essa era a parte da roupa que eles sempre rasgavam primeiro. Quando Wendy se sentava com uma cesta cheia de meias para cerzir, todas com um furo enorme no calcanhar, ela jogava os braços para o alto e exclamação: - Meu Deus, às vezes, acho quem não tem filhos é que é sortudo! Mas sempre abria um enorme sorriso quando dizia Isso. (BARRIE, 1911, p. 112)

Wendy não fazia outra coisa a não ser trabalhar arduamente em casa. Ela era uma mãe excepcional e desempenhava tal papel de forma amorosa e natural, ela fazia isso não apenas pelos meninos, mas porque sabia, lá em seu íntimo, que assim estaria agradando a Peter Pan e o jovem Peter estava tão satisfeito com Wendy que, antes da chegada dela à Terra do Nunca, ele simplesmente desprezava todas as mães, no entanto, uma certa mãe começara a ter um lugar especial no coração do pequeno Peter. Segundo Barrie (1911, 113) “Em primeiro lugar, ele desprezava todas as mães, com exceção de Wendy”.

Ela cuida de Peter como uma mãe devota, como uma mãe que presta atenção em cada expressão do filho, em cada mínimo detalhe, ela é aquela mãe que sempre estará ali para ampará-lo, até mesmo no meio da noite, os ouvidos aguçados e atentos de Wendy estavam em alerta, prontos para atender qualquer incômodo ou mal estar das crianças, principalmente se essa criança fosse Peter Pan.

Às vezes, embora não com frequência, Peter sonhava, e eram sonhos mais dolorosos que os dos outros meninos. Durante horas ele não conseguia se separar desses sonhos, embora gemesse de um jeito horrível enquanto os sonhava (...). Nas vezes essa que isso acontecia com ele, Wendy tinha o hábito de tirá-lo da cama e colocá-lo no colo, consolando-o com carinhos que ela própria inventara. Quando Peter se acalmava, Wendy o colocava de volta na cama antes que ele estivesse completamente acordado (...). (BARRIE, 1911, p. 165),

Em certo momento da história, quanto é chegada a hora de Wendy e seus irmãos regressarem para casa, Wendy, demonstrando preocupação de uma mãe, reforça os cuidados que Peter deve ter após sua partida, como vemos nesse breve diálogo: “- Você vai lembrar de trocar sua roupa de baixo? - Vou. - E vai tomar seu remédio? - Vou.”

Se por um lado Wendy o cativava cada vez mais com jeito maternal, por outro, a possibilidade de Peter enxergá-la com outros olhos, de enxergá-la como mulher, estava se esvaindo gradativamente. Se ao levá-la à Terra do Nunca, ele o fez na esperança de ter uma mãe, a essa altura, ele já tinha certeza de que trouxe a garota perfeita. Ela era uma excelente mãe. E para Peter Pan, era isso que importava, afinal de contas, qual a utilidade de uma mulher senão ser uma mãe?

Passado algum tempo (próximo ao fim da narrativa), quando Wendy e seus irmãos - juntamente com os meninos perdidos - voltaram da Terra do Nunca, Peter ainda visitaria Wendy e em uma dessas visitas, ele encontra a Sra. Darling. Conforme Barrie (1911, p.208-209),

(...) Quanto a Peter, ele viu Wendy mais uma vez antes de sair voando. Não foi exatamente até a janela, mas roçou nela quando estava passando, para que Wendy, se quisesse, a abrisse e o chamasse. Foi o que ela fez.
- Oi, Wendy. Tchau - disse ele.
- Ah, não, você vai embora?
- Vou.

- Peter - disse Wendy, com a voz trêmula -, você não acha que gostaria de conversar com meus pais sobre um assunto delicado?

-Não.

- Sobre mim, Peter.

- Não.

A Sra. Darling foi até a janela, pois estava prestando muita atenção em tudo que Wendy fazia. Ela contou a Peter que havia adotado todos os meninos, e que gostaria de adotá-lo também.

- Você vai me mandar para a escola? - perguntou ele, esperto.

- Vou.

- E depois para um escritório?

- Acho que sim.

- E em pouco tempo eu vou virar homem?

- Muito pouco tempo.

- Eu não quero ir à escola aprender coisas importantes - disse Peter com fervor. - Não quero virar homem. (...) - Ninguém vai me apanhar e me transformar num adulto.

Viver no mundo real era demais para Peter Pan. Viver em lugar onde ele teria que assumir responsabilidades, não seria o centro das atenções e nem daria ordens em todos. Viver em um espaço não projetado por ele, onde as coisas não estariam fixas e polarizadas assustava Peter Pan, em outras palavras, se Peter Pan aceitasse a oferta da sra. Darling, ele finalmente teria que crescer. E se existe algo que Peter Pan preza e valoriza tanto quanto uma mãe (embora ele não assuma, mas deixa claro nas entrelinhas), é o fato de não querer crescer. Desta forma, Peter volta para a Terra do Nunca mais sozinho do que quando começou a história. Sem os meninos perdidos para compartilhar as aventuras, sem os piratas para enfrentar, mas principalmente sem Wendy, que cumpriu maravilhosamente bem o papel da mãe que ele tanto procurou. Extremamente solitário, Peter Pan continua sobrevivendo o seu desamparo em seu lugar preferido, a imaginária Terra do Nunca e como destacou Kiley (1983, p. 32) “Ele resvalou no abismo entre o homem que não desejava tornar-se e o menino que não podia mais ser”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas nos mostram que nem sempre houve uma literatura direcionada para o público infantil, pois esse público não era percebido em suas especificidades, sendo igualados em habilidades, visões e perspectivas, aos adultos, contudo, sem prestígio ou qualquer valor social. É na Idade Moderna que isso vem sendo modificado. A partir de então a criança passa a ser identificada como possuindo características, comportamentos e habilidades que as distinguem dos adultos. É nesse contexto que a literatura infantil se desenvolve possibilitando um olhar sobre a criança, suas idiossincrasias e percepções.

Dentre tantos escritores que se debruçaram sobre esse universo infantil, J.M.Barrie se destaca com a obra *Peter Pan*. Nesse clássico é narrada a história de um menino que se recusa a crescer, Peter Pan. O personagem vive em um mundo paralelo, a Terra do Nunca, onde lidera um grupo de meninos e combate, com sua coragem e esperteza, o vilão Capitão Gancho. Entretanto, vimos que a história não se resume a essa perspectiva. Ao analisarmos a obra à luz da psicanálise, constatamos que por trás de um menino que não aceita a ideia de crescer, há um sujeito que não aceita a ideia de ter sido separado do seu primeiro objeto de amor, a mãe.

Nessa perspectiva, através do olhar da psicanálise, identificamos a importância vital de um Outro no desenvolvimento do bebê. O Outro não precisa ser uma mãe biológica. Esse Outro será aquele que decifrá o mundo para o bebê. Compreendemos, também, as consequências causadas pela não separação desse Outro, no momento certo. Pois se não houver essa separação a criança não vai para o mundo de maneira autônoma. Estará sempre dependente do desejo do Outro. Esse sentimento de dependência irá acompanhar esse sujeito até a vida adulta onde ele estará sempre projetando em outras relações essa separação e reencontro com esse primeiro objeto.

A partir da leitura possibilitada pelo olhar da psicanálise, concluímos que a obra *Peter Pan* revela um personagem que vive em busca constante e inconsciente de recuperação do primeiro objeto de amor perdido, o Outro, a mãe. Peter Pan ainda considera-se um fragmento da mãe, um pedaço dela e por isso, vive em busca desse

primeiro momento para que, finalmente, a separação possa acontecer. Diante desse desamparo surge a Terra do Nunca, que pode ser vista como uma projeção criada pelo personagem para suportar esse desamparo, esse abandono. A terra do nunca é o espaço criado como refúgio. O espaço onde ele consegue lidar com o mundo, com as coisas, com a separação entre bem e mal, diferentemente da realidade fora desse espaço, onde ele não consegue relativizar as coisas, de encarar o mundo de uma maneira mais complexa. Essa dificuldade é decorrente da falência dessa primeira relação com o Outro, que o deixou, extremamente dependente.

REFERÊNCIAS

- BARRIE. J.M. *Peter Pan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer (org.) *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em construção*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2006.
- CAGNETI, S. *Livro que te quero livro*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996. P. 27.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CORSO. Diana Lichtenstein; CORSO. Mário. *Fadas no divã – Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil, teoria e prática*. Ática, 1991. P.22
- FREUD, Sigmund. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise: introdução do editor inglês. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XV*. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1916.
- KILEY, Dan. *Síndrome de Peter Pan*. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1983.
- MEIRELLES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 4. Ed. São Paulo: Global, 2016
- SANSON. Jaqueline Corrêa. *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em construção*. In: BERNARDINO. Leda Mariza Fischer (org.). 1. ed. São Paulo: Escuta, 2006.
- SILVA. Flávia Lins e. *Peter Pan*. In: Barrie. J.M. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- VOLNOVICH, Jorge R. *A psciose na criança*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4. ed. São Paulo: Global, 1985.